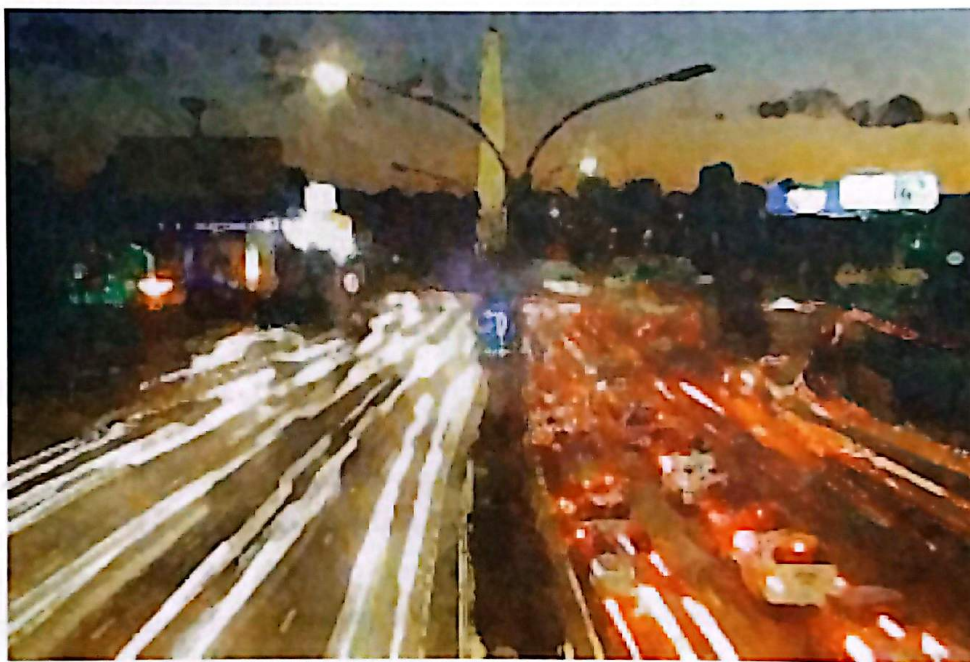


450 anos Oração à cidade de São Paulo

Paulo Bomfim



Avenida 23 de maio

Emérita cidade de São Paulo!
Taba ancestral, arraial sertanista,
Burgo estudante, província menina,
Rosa de imigração, rosa cabocla,
Profecia de Anchieta, luz de prece
De Frei Galvão. Emérita cidade,
Guardai-nos dos momentos de fraqueza!
Que neste paço o passo seja dado
Rumo ao porvir, às margens do amanhã;

E das raças, dos credos e de classes,
De tudo que se irmana no planalto,
Nasça, um canto de amor à nova aurora,
Ao mundo novo, ao homem novo, ao chão
Novo em sua alegria e em sua paz.
Emérita cidade de São Paulo,
Mãe branca, mãe indígena, mãe preta,
Velai por nós!

Paulo Bomfim é poeta

Imprensa médica periódica no Rio de Janeiro: os *Anais Brasileiros de Dermatologia*

Pedro Henrique Miranda Fonsêca

Em janeiro de 1925, começam a circular os *Annaes Brasileiros de Dermatologia e Syphilografia*, como órgão da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Syphilografia, tendo como redator o renomado dermatologista Eduardo Rabello, que assim apresenta o periódico:

“Conquanto já conte o nosso meio médico com vários jornais e revistas bem cuidados, ressentia-se ele ainda da falta de publicações especializadas e o ramo da dermato-syphilografia, cuja importância avulta dia a dia, não dispunha em todo o nosso país de nenhum órgão que, pelo seu programa, se destinasse a recolher toda a vasta matéria a ele atinente, de maneira que os trabalhos nacionais se encontram esparsos, em revistas da capital e dos estados, onde comumente passam despercebidos à maior parte dos que se interessam em conhecê-los.”

Esta falta, já sensível, foi a razão primeira que nos levou a pensar na criação de uma revista da especialidade...”

Além dessa razão, outras também contribuíram para a criação da revista, a saber: as notáveis pesquisas da Escola de Manguinhos, principalmente aquelas referentes às dermatoses parasitárias; a existência em outros países sul-americanos de periódicos especializados em Dermatologia e a extensão que assumiam no país os serviços de combate

às doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a sífilis.

Apresentava-se a revista, em seus primórdios, com as seguintes seções: Memória original; Notas e fatos clínicos; revista geral; Análises de jornais e revistas da especialidade; fichas bibliográficas das publicações nacionais e estrangeiras; Notícias e notas paramédicas.

A periodicidade variou entre bimestral (1925/26; 1932/37; 1961/62; 1983 aos dias atuais) e trimestral (1927/30; 1938/60; 1963/82), sendo que em 1931 a revista não circulou.

Em janeiro de 1961 (volume 36) passa a denominar-se *Anais Brasileiros de Dermatologia*, nome que conserva até hoje. A Sociedade, porém, permaneceu de Dermatologia e Sifilografia até dezembro de 1964, perdendo o termo Sifilografia no ano seguinte, passando então a denominar-se Sociedade Brasileira de Dermatologia.

Colaboraram nos *Anais* importantes nomes da Medicina brasileira, tais como: Jorge Lobo, Arlindo de Assis, Antonio Austragésilo, Olympio da Fonseca Filho, Gastão Cruls (este também romanista e historiador da cidade do Rio de Janeiro), Armínio Fraga, Jorge Gouvea, Luna Freire, Juliano Moreira, Arthur Neiva, Pirajá da Silva, Heráclides Cesar de Souza Araujo, João Ramos e Silva, Oscar da Silva Araujo, Aguiar Pupo,

Amadeu Fialho, Luigi Bogliolo, Oswaldo Forattini, Francisco Eduardo Rabello, Antar Padilha Gonçalves, Carlos da Silva Lacaz, Rubem David Azulay, Abraão Rotberg, Sebastião de Almeida Prado Sampaio.

Felizmente, os *Anais Brasileiros de Dermatologia* ainda são publicação corrente, completando neste ano de 2003, 78 anos de existência, com uma ligeira interrupção, como vimos, no ano de 1931, cabendo aqui tributar uma homenagem àqueles que, com denodo, os têm dirigido ao longo desses mais de setenta anos: Eduardo Rabello (1925/26; 1938/40); Oscar da Silva Araujo (1927/37; 1941); Francisco Eduardo Rabello (1942/45; 1948/60); Hildebrando M. Portugal (1946/47); Antar Padilha Gonçalves (1948; 1960/62); Demétrio Peryassú (1963/69); Glyne Rocha (1970/72); Silvio Fraga (1973/74); Jarbas Porto (1973); Rubem David Azulay (1970/72; 1974/92); Absalom Lima Filgueiras (1993/98) e Leninha Valerio do Nascimento (1998 aos dias atuais).

Pedro Henrique Miranda Fonsêca
é médico e membro da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical

Ozires Silva, fazendo a história do Brasil

Afif Sadi

O menino estudante de Bauru sonhava com a aviação e liderava com colegas, no Aeroclube da cidade, uma escola de aeromodelismo.

Na sua cabeça, seus neurônios ativos com suas sinapses perguntavam: se, em 23 de outubro de 1906, o brasileiro Santos Dumont voou com o 14 Bis em Paris, decolando um aparelho mais pesado que o ar e acionado por meios próprios, por que o Brasil, sendo um grande país, não poderia fabricar aviões?

Esse o pensamento e a pergunta de um jovem estudante de 18 anos aficionado pela aviação e cuja resposta não obtinha.

Aviões todos importados, reparação, peças, equipamentos vinham dos Estados Unidos, tudo inadmissível para a sensibilidade do então jovem estudante.

Dai uma série enorme de conjecturas e experiências foram surgindo para que se concretizasse algo que levantasse vôo.

Inicia-se o proselitismo com Zico, Sampieri e outros, com resultados infrutíferos.

Desde então o sonho acalentado passou a ser indormido.

Em 1948, consegue entrar na Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, como cadete do ar e cumpre as primeiras etapas do treinamento militar, até conseguir o primeiro vôo solo, num avião fabricado no Brasil e de matrícula 508.

Formou-se em agosto de 1949, como Oficial Aviador, em boa colocação, podendo escolher o local para o início de carreira.

Preferiu a aviação de transporte, começando o trabalho na Amazônia.

Casou-se em seguida com a sua namorada de infância, Terezinha, e com ela seguiu do Rio a Belém, numa extensão de 2.600 quilômetros.

Teve três filhos: Arnaldo, Ana Maria e Sérgio.

Trabalhou no correio da fronteira durante anos.

Em 1955 voltou ao Rio e trabalhou no Correio Aéreo Nacional, com os aviões Douglas DC3, remanescentes da Segunda Guerra Mundial.

Em São Paulo, entrou no ITA, em São José dos Campos; fez o curso de Engenharia Aeronáutica, e como engenheiro inovou muito nos aviões, na projeção e construção dos mesmos.

Abstenho-me de descrever as peripécias e lutas para a construção do avião Bandeirantes, porque todo o país as conhece, agora pela Embraer. O sonho de Ozires realizou-se nessa decolagem até a Embraer, para após 1986 voar à Presidência da Petrobrás e mais tarde ao Ministério da Infra-Estrutura. Em 1991 voltou à direção da empresa quando comandou e orientou o seu processo de privatização.

No início de 2002, as vendas médias anuais da Embraer haviam superado 2 bilhões de dólares; uma produção de mais de 5.000 aviões distribuídos por 20 e poucos países.

Esse, senhores, o lutador, o homem imbatível que com toda sua tecnologia, ascende hoje, e, ultrapassa os Umbrais da Academia Cristã de Letras para sua vitaliciedade e imortalidade. Nada mais meritório homenageá-lo em reconhecimento a sua labuta incessante pelo progresso da nação brasileira no seu ramo de especialidade.

Mas somente isso não bastou para o sonhador Ozires Silva: envereda agora o espírito, assim como predestinação, para as alturas, à procura do intrínseco mental ou metafísico, na descrição de imagens, como na decolagem de um sonho que configura um baluarte no seu desiderato da vida.

Não há como descrever e dizer em poucos minutos essa trajetória de vida e a grandeza dela gerada para a nacionalidade, para compor o extenso curriculum vitae de Ozires Silva. O recipiendário e sua grandeza não definem nestas poucas palavras todo o seu labor. O Brasil inteiro o conhece e aos seus feitos, e o seu nome invoca a multidão como mélico enxame de abelhas, irrompendo de uma rocha cava, sempre zanzando, ou quando em torno as flores, zumbem.

Isso denota amor ao herói; o lutador de batalhas infindas, o amor dos circulantes, o amor da mulher, dos filhos, dos pais, da terra, da vida, enfim. Meu caro acadêmico Ozires Silva:

Um velho amigo, creio, um dos maiores poetas e pensadores desta nossa terra, criador da poesia *Praxis*; esse praxiano de priscas eras, o grande Mario Chamie de todos os tempos, disse um dia: "O mundo e a vida não são sofismas///

O que se nega e o que se afirma são vida e o mundo de cada dia///

Há regra para tudo no mundo que se nega///

Há regra para a vida de tudo que se afirma///

Há trégua para a verdade que na mentira se filtra.///

Há guerra contra a vontade da mentira que de verdade fascina///

Há o medo da verdade que de mentira deriva///

Há a vida da mentira que na verdade conspira".

Pareceu-me um pouco o desenrolar de sua vida atribulada; de suas aspirações; de suas angústias; sua vivência, vicissitudes, paciência, coerências, incompreensões, incredulidades e, por que não dizer, êxitos apesar de tudo.

Pensando melhor, dir-se-ia: não há vento bom para quem não saiba em direção navegar.

Mas o amor, esse não sei o que, que vem não sei de onde e que dói não sei por que, rege todo o nosso psicossomático, o nosso íntimo, a nossa alma e abalança nossas cordoalhas tendinosas.

Assim pensando e cumprindo com prazer à solicitação do nosso culto presidente, Adolfo Lemes Giglioli, para receber neste sodalício ao ilustre senhor Ozires Silva, confesso que me amedrontei um pouco porque achei que acadêmicos melhor preparados se dariam acima, na exposição do curriculum do candidato, como se posicionariam além na casa de Francisco de Assis e no concerto da brasilidade.

Sabe-se que a aviação constituiu toda sua vida, acrescida a de sua família com todo o amor. Ambas se fundiram. Como descrever, nesse tempo, o indescritível? Não há ode que o defina... mas... por vezes minha mente fervilha no espaço haurido do meu pensamento e volto-me aos idos dos meus ancestrais que por toda uma vida e na morte falaram das essências da vida e das virtudes do além-vida, num misticismo ímpar, quicá impretérito.

As palavras brotam e se ejetam dos imortais lidos aos humildes que as deglutem e se jactam na riqueza do pensamento.

Tratam do que caracteriza a tradição da fraternidade, no que o bater os pés representa ou marca a submissão da carne; o abrir os braços, o caminho da perfeição, a prostração e a humildade do homem diante de Deus.

Para os grandes místicos, o não ser é a matéria do ser.

Nele tudo repousa. A pré-condição do ser é o não ser.

Mas tudo surge do nada e tudo segue para o nada.

Os seres são todos peixes nas ondas do nada.

O ser é a rede.

Move-se céu e terra tendo-se medo desse abismo.

Sou sua alma e coração. Descansa no meu peito.

Se você levou minha paz, como posso me calar?

Você é uma gota do meu oceano.

É a minha pérola na concha da minha alma.

Tudo descansa no amor; tudo é movido no amor e pelo amor; por toda a parte o oceano de Deus: o silêncio é o sussurro de morte e esta vida é uma flauta silente.

Os místicos morrem de amor.

A vida e a morte iluminam as águas do silêncio.

Morrer para não morrer. Das águas turvas para as águas claras.

Seguir da névoa ao esplendor da lua.

Eu sou a verdade.

O que fazer se não me reconheço?

Ébrio de amor, não sei de céu e terra; não passo do mais puro libertino.

Se houver passado um dia em minha vida, sem você, eu, desse dia me arrependo.

Se a matéria é espírito denso, o espírito é matéria sutil.

Os espíritos vagueiam vez ou outra e num bailado estonteante lançam ao espaço musicalidade extraída de estros em lembranças passadas, místicas e saudosistas como a vida na transparência dos olhos da mulher amada, nas flores dos roseirais.

Quando a beleza fere o coração a imagem brilha: resplandece toda a silhueta da mulher talhada por Deus e o coração do apaixonado rompe o açude e segue violento rio abaixo.

Ainda em vociferação mística espiritual, ouve-se a voz do poeta legendário, caminhante atônito do espaço, viajou ébrio da eterna saudade das lembranças dos seus dias dantanho sussurrando que o amor veio e partiu.

Assim, nesses pensares, nesses cantares, nas angústias inexplicáveis desse tempo, nos idos de intermináveis meditações, na consciência ou inconsequência dos dizeres; no balbucio saudoso do último amor da vida, creio que ainda se abalançam no tempo e no espaço. Sr. Ozires Silva: adentre com amor aos umbrais da Nossa Academia de Letras.

Afif Sadi

é ex-presidente

da Academia Cristã de Letras

A medicina e a pintura

Oswaldo Lacreta

A medicina mantém a vida, a pintura a embeleza e, ao se cruzarem, resultam fatos que deleitam e encantam.

Quem tiver a graça de visitar Florença, centro mundial da arte, e percorrer os corredores da Capela Brancacci, nome do proprietário, encontrará o afresco de Masaccio: *São Pedro roja sombras em jovem entrevado e o cura*.

Afresco, do italiano *affresco*, denota pintura mural sobre argamassa fresca, com tintas diluídas em água. Existe, desde o homem das cavernas e, na primitiva arte cristã, encontrou-se, em catacumba da Via Latina, afresco chamado *Lição de Anatomia*, onde se vê homem deitado com o abdome aberto e, em volta, vários homens, com roupas coloridas, observam atentos.

Os detalhes médicos dessa esplendorosa obra de Masaccio, consoante veremos, é feita por Carlos Hugo Espinel, cientista norte-americano da Universidade de Georgetown.



São Pedro cura paralítico com sua sombra

Somente com a história, o homem abandona
as trevas da ignorância.

Vico, filósofo italiano (1668-1744)

A claridade das paredes dos edifícios mostra ser dia de céu azul e um grupo de pessoas, precedido por São Pedro, passa ao lado de um paralítico. O apóstolo parece absorto, vestes talares vermelha e azul, gorro escarlate, pés descalços, tudo a compor sombra no inerte. Quais são os demais seguidores? O homem de azul, com as mãos em súplica, situado à direita do santo, seria Brancacci, dono da capela; o de capuz purpúreo, Masolino, mentor de Masaccio; o de turbante celeste, de barbas brancas, cerrando o séquito, possivelmente, é Donatello (1386-1466), escultor toscano e precursor de Michelangelo.

Por que, indaga Espinel, Masaccio pôs o paralítico à frente dos andantes, talvez para chamar a atenção? Com capuz amarelo, roupas azuis cobrem-lhe o tronco e trapos revestem-lhe as pernas deslocadas e afastadas, à semelhança de talas; os cotovelos, apoiados em suporte, soerguem e encolhem a parte superior das espáduas, impedindo o deslizar do corpo, enquanto as mãos pendem do antebraço; a cabeça projeta-se do tronco na tentativa de conservá-la ereta, toda a criatura aparenta desfalecer, clamando por socorro. Quem seria o pequeno impotente?

À primeira vista, a expressão do rosto é enigmática, não se sabe se ela reflete sofrimento. Fixando-o mais de perto, ele parece nervoso a querer participar do séquito. Ele franze a testa, avança o queixo e abre os lábios em esgar, como que a protestar, mas continua sereno: cabeça ereta, olhos abertos em expectativa.

Por meio de cores, lanços de luz e sombra, Masaccio realça as rugas do desgracioso, as curvas dos músculos, a dureza dos ossos e a tensão das juntas.

A fim de apreciar melhor a habilidade de Masaccio, examinemos a perna esquerda do informe. Por meio de simples movimento do pinel, ele destaca a coxa doente, a curva do joelho afastado, encostando no solo. Sombras escuras evidenciam as dobras da roupa, enquanto o joelho, em ângulo muito aberto, é forçado para fora.

Para evidenciar o aleijão, que fez o pintor? Colocou-o à frente, mas ela apareceria muito grande em relação aos demais, ele usou como subterfúgio a inovação matemática, isto

é, a proporção para comparar volumes, e, para tanto, reduziu-lhe o tamanho em relação aos demais; ele criou, assim, a ilusão tanto do real tamanho como da situação, contrastando-o com os restantes para nos dar idéia da grandeza dos demais.

Os médicos consideram os pacientes um todo e aperfeiçoaram a medicina pela estudo, pela experiência. Na ausência de aparelhos adequados tenta Espinel, por inspeção, desvendar a doença do ajoelhado.

A presença de membros inferiores disjuntos e finos impede-o de ficar em pé. Sua mente, entretanto, parece ativa a dominar a situação. Evidentemente, ele tem afecção orgânica a ser individuada.

Começemos pelo tono dos músculos. A haste cervical ampara a cabeça; as espáduas e os cotovelos alçam a parte superior do tronco; o braço superior direito assenta-se no esquerdo; a mão direita, sem o suporte do respectivo antebraço e pela ação da gravidade, pende qual mão feminina, o que não é normal, parecendo atônica, sinal de miopatia.

A homônima esquerda atua da mesma maneira, parecendo tombar entre os joelhos, enquanto o tórax e o abdome dobram-se. As coxas estão separadas, suportando o peso do corpo. Essas minúcias de Masaccio, em 1426, são surpreendentes e geniais, apenas um mestre italiano poderia dar-lhe essas cores.

A fonte se projeta e o depressor da rima bucal puxa os ângulos da boca, expressando amargura. O trapézio e o grande dorsal abaúlam o torso e inexistem atividade muscular das mãos e pernas. Será que o iconista tinha noção do significado da atrofia muscular? As vestes estão levantadas, expondo não só as pernas em posição da letra dáblui, mas traduzindo atrofia muscular, proximal e distal.

O disforme mostra rosto expressivo, usa a haste cervical, as costas e os cotovelos, tem atonia muscular, atrofia das mãos e dos membros inferiores.

Onde estaria a lesão principal, pergunta Espinel? Ele está vivo, respira, prova que o nervo frênico e o diafragma estão íntegros, sustenta a coluna cervical, indício de normalidade dos escalenos, mantém a cabeça ereta, que traduz higidez dos músculos da região cervical, inclusive os escalenos; conserva a cabeça as espáduas elevadas, mostrando atividade do trapézio; ele abraça o próprio úmero com os cotovelos, apoiados em suporte, graças à normalidade do grande dorsal. Diz Espinel ser o emprego deste músculo crucial, pois permite tossir e respirar, além de impedir o transvio do corpo.

Acha Espinel estar o aleijão acometido de neuromiopia atrófica e atônica e, por haver hipertrofia dos músculos normais, prova estarem estes conservados. Onde se situaria a lesão: no neurônio superior, no inferior ou no próprio músculo? Repele, também, Espinel a miopatia por lesão da parte superior da medula e do cérebro, porquanto estas doenças não se acompanham de atrofia muscular. Pelo comum, a paralisia cerebral motiva espasmo muscular; a tabes engendra úlceras nas pernas; o mal de Pott deforma o torso, formando corcunda; a espinha bífida poderia refletir a posição das pernas, mas jamais a mão pendente; ao passo que a sirringomielia talvez explicasse a postura das mãos.

A ver de Espinel, a poliomielite traduziria transtorno em alguns segmentos locomotores, mas haveria cura espontânea e adaptação funcional e a esclerose lateral amiotrófica e doença difusa o teriam matado.

A síndrome de Guillain-Barré ataca os membros superiores e o funcionamento dos pulmões, o que determinariam o óbito, enquanto a moléstia de Charcot-Marie motivaria paralisia distal; ao passo que, a neuropatia periférica crônica, tóxica, ou metabólica seria acompanhada de atrofia distal dos locomotores, poupando as coxas.

O que infere Espinel dessa lon-



Lição de anatomia, afresco da Catacumba da Via Latina

ga peregrinação médica pelo corpo do jovem? Para ele, o colorido e inerte menino de Masaccio teria poliomielite anterior aguda (doença de Heine-Medin), hoje prevenida pela vacina Sabin. Por toda essas vibrantes interpretações, merece Espinel aplausos infinitos. E Masaccio, executor desses ícones cromáticos?

O ato de expressar-se em luz e cores é uma emoção visual que nos mostra imagens que em nenhum lugar encontramos, é uma atividade que, ao se projetar das paredes, adquire vida autônoma, conserva qualidades narrativas e ilustrativas. A luz é expressão sintética, a cor é, ao contrário, manifestação analítica, que discrimina e corporifica a estrutura sobre a qual se põe.

Ao encetar o primeiro milênio, Galeno criou a farmacologia e, entre a 15ª e 17ª centúrias, Leonardo da Vinci impulsionou a neuroanatomia. Quando, em 1426, retratou pessoa com lesão neuromuscular, mas com correção muscular, ele foi paradigma da fisiopatologia! Antes de Masaccio, encontrou-se gravura egípcia de aleijado disforme, apoiado em bastão, com a perna direita atrofiada e pé suspenso, lembrando paralisia infantil! Consoante Espinel, a arte de Ma-

saccio compaginou faiscante episódio no transado da medicina, em geral, e da neurologia, em particular. Examinamos a tela do aprazível artista e tentamos interpretá-la, racconta Espinel; ele aplicou sua arte e a confrontamos com a nossa. Masaccio nos ofuscou de cores e sombras, dando-nos verdadeira aula de medicina, que perdurou 600 anos. Foi o *alter ego* de Leonardo da Vinci!

Masaccio existe, vive, cintila e cresce progressivamente na veneração dos que o conheceram, passando por entre os homens qual vulto sobrenatural. Ele está em nós e renascerá de geração em geração!

Estou a digressionar, alguém, lá das alturas, estaria nos desaprovando. Para cultuar o fulgurante artista plástico, cumpre-nos cerrar estas notas, com versículo do grande Camões:

“Se he cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante”.

Oswaldo Lacreta

é professor aposentado da USP

A história da prescrição médica

Alexandre Campos Moraes Amato

O “R” cortado (Rx) é um símbolo usado por alguns médicos no início de sua prescrição, não é um simples “R” e “x”, é um símbolo que não existe no nosso alfabeto, é um “R” itálico, com uma perna maior, com a linha do “x” a cortando (Rx).

Existem várias explicações sobre sua origem. Uma delas é de que o símbolo deriva do “Olho de Hórus” ou “Olho Sagrado”, um símbolo mitológico do Egito antigo, que significa proteção, restabelecimento da saúde, intuição e visão. Os egípcios usavam o símbolo para afastar o perigo, a doença e má sorte, sendo muito parecido com a abreviação “Rx”. O símbolo originou-se da lenda do deus egípcio Hórus (ou Harpócrates), deus do Céu, filho de Osíris (deus do Sol) e Ísis (deusa da Natureza), que lutou contra seu tio, o deus Seth (deus do Caos), assassino de seu pai, pelo trono do Egito. Numa das disputas, Seth arrancou o olho esquer-

do de Hórus (a Lua), mas este foi curado e sua visão restaurada, quando Thoth (deus da Sabedoria e da Mágica) uniu as partes e derramou leite de gazela. Finalmente, após 80 anos, Hórus, com sua visão restaurada, derrotou Seth e tomou-lhe o trono reunindo novamente o Egito.

O símbolo une um olho humano com as marcas de um falcão, ou cicatrizes da restauração, pois Hórus tinha a cabeça de falcão. Tem sido usado por séculos, representando saúde e proteção.

Outra teoria é a de o símbolo “Rx” que deriva do latim “recipere”, significando “recuperação” ou “take, thus”, em inglês, e precede a prescrição de alguns médicos.

Nos tempos em que os médicos precisavam prescrever a fórmula do medicamento com a mistura e composição de seus ingredientes, a abreviação

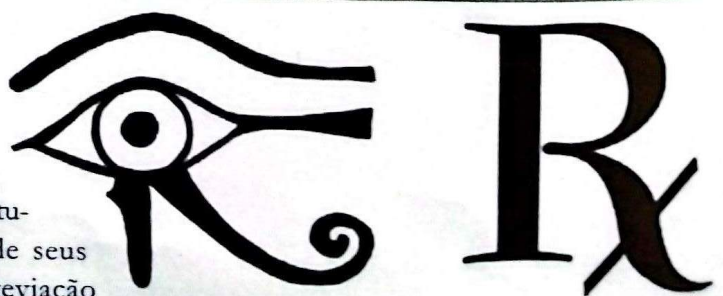
“Rx” era completada por uma afirmação como “fiat mistura” que significa “que a mistura seja feita”.

Outra teoria é de que “Rx” é uma invocação ao Deus romano, ou ao planeta da sorte, Júpiter, uma prece a ele para que o tratamento seja efetivo, tanto que, em manuscritos médicos antigos, todos os Rs eram cruzados.

Talvez, o símbolo não seja muito usado em nosso país, por sermos essencialmente católicos.

Alexandre Campos
Moraes Amato

é médico Residente (R-2)



Analogias em medicina

José de Souza Andrade Filho

Vinagreira na bacia

O acetábulo (lat. *acetum* = vinagre + *abulum* = pequeno recipiente) é antigo vaso romano em forma de taça ou cálice, pouco fundo, destinado a conter vinagre e, por semelhança, a cavidade cotilóide (cótilo: cavidade óssea) existente em cada um dos ossos ilíacos e onde se articula com a cabeça femoral, formando a importante articulação do quadril.

O nome acetábulo foi também dado a todas as taças de tamanho e forma semelhantes, isto é, um pequeno vaso de boca larga. Rufus, médico romano, disse “o que os gregos denominam de *cotylas*, os latinos chamam de *acetabulum*”. A semelhança da cavidade da articulação do quadril a uma vinagreira de boca larga é prontamente perceptível e foi usada neste sentido por Plínio e Celsus (bas. em parte em Skinner, *The Origin of Medical Terms*).

Chagrém

(do turco *çagri*, garupa de cavalo)

É couro de superfície granulada, preparado com pele de eqüinos, asininos ou caprinos e usado, sobretudo, em encadernação. As placas ou pele de chagrém (fr. *peau de chagrin*, ingl. *shagreen patches*) são placas cutâneas moles de superfície ondulada, em capistrana, ligeiramente elevadas e representam um tipo de nevo de tecido conjuntivo caracterizado pelo aumento do colágeno normal. Localizam-se com maior frequência na região lombo-sacra. São observadas no complexo esclerose tuberosa (epilóia ou doença de Bourneville), um distúrbio genético com formação de hamartomas em muitos órgãos, especialmente na pele (angiofibromas, mácula em folha de freixo, chagrém), cérebro (tuberosidades corticais), rim (cistos e angiomiolipomas), coração (rabiomiomas) e olho (alterações da retina), coexistindo com retardo mental e epilepsia.

Anel de leite

Refere-se a anel opaco e branco-acinzentado na periferia da córnea, exatamente na junção esclerocorneal, e resulta de depósitos de material lipídico pericorneal. Trata-se da opacidade corneal mais freqüente na população e pode associar-se a dislipidoproteinemias. Entretanto, se relaciona mais à idade do indivíduo, sendo virtualmente encontrado em todas as pessoas com mais de 80 anos, por isso chamado também de arco senil (lat. *arcus senilis*). A deposição lipídica é bilateral e, quando bem desenvolvida, forma uma faixa circunferencial leitosa de cerca de 1mm de largura. Estudos histológicos demonstram que os lipídios se depositam inicialmente na metade anterior da membrana de Descemet e, em seguida, no estroma anterior, logo abaixo da membrana de Bowman (Kanski, *Clinical Ophthalmology*).

Retratorite

(hepatite peroperatória)

As biópsias operatórias em cunha do fígado, na sua maioria, são feitas no final do ato cirúrgico, em geral de longa duração, e apresentam “artefatos”, tais como infiltrado inflamatório neutrofilico, distorção do parênquima hepático abaixo da cápsula de Glisson e retração eosinofílica dos hepatócitos, resultantes do trauma operatório. Por isso, tais alterações receberam a denominação, algo jocosa e irônica, de retratorite, isto é, modificações estruturais resultantes do retrator ou afastador – instrumento cirúrgico para afastar as bordas de uma ferida – e, portanto, não devem ser consideradas patológicas pelo examinador. Há quem recomende que, quando o cirurgião planeja biopsiar o fígado, deve fazê-lo assim que entrar na cavidade peritoneal e que, além da biópsia incisional em cunha, faça outra mais profunda com agulha apropriada.

José de Souza Andrade Filho
é membro da Academia Mineira
de Medicina e professor de Patologia
da Faculdade de Ciências Médicas
de Minas Gerais

O Bonde e o professor

(crônica que rememora antigos episódios no 450º aniversário de São Paulo)

Adriano Bonanomi

Dentre os que cursaram a Escola Paulista de Medicina na década de 1940, poucos ainda sobrevivem. Todavia, alguns certamente lembram do nosso saudoso Professor de Clínica Cirúrgica, Prof. Dr. Ari Siqueira, do clã dos fundadores de um grande Banco do país, ao que parece, o segundo entre seus congêneres.

Filho do patriarca Balbino Siqueira, nascido em Itaú (MG) era, a exemplo de seus irmãos, espirituoso nato, divertido piadista e exímio contador de casos. Seu irmão, Celso Siqueira, nosso colega já falecido, foi obstetra na Maternidade de São Paulo.

Naqueles idos anos da Segunda Guerra Mundial, com a gasolina racionada e o gás-gênio gatinhando, o bonde era o transporte de todas as classes sociais, inclusive para o nosso "Ari Mamangaba" (seu carinhoso apelido como, aliás, quase todos apelidos o são).

No meio de um grupeto de alunos, relatava nosso Professor, com extrema seriedade em tom de inconformada revolta, o que passara no Largo do Piques – hoje Praça da Bandeira –, onde aguardava o bonde que o levaria ao Jardim Paulistano (n. 44) ou ao Jardim Europa (n. 45). Além destas duas linhas, partia também do Largo do Piques o de n. 5, que se destinava ao Bexiga, ele-

gantemente chamado pelos seus moradores de Bela Vista.

Acontece que ali só aparecia este último e nenhum destinado aos Jardins. Isto fez com que se acumulasse grande



número de frustrados e impacientes usuários devido ao não aparecimento dos seus transportes.

Com a chegada do enésimo Bela Vista, que, por sorte ou por azar de Ari, era um bonde aberto, e não um "camarão" (que era fechado), plantou-se nosso mestre no estribo do veículo e, batendo palmas, grita à turba: "Pessoal; subam que este vai para os Jardins!" Foi um verda-

deiro assalto aos assentos. Eis que surge um "Inspetor da Light", com seu quepe de chefe todo enfeitado de listas douradas, que foi logo advertindo o baderneiro severamente sobre o fato de que quem mandava ali era ele, "Inspetor de tráfego", e o carro ia para o Bexiga.

Diante a resistência comandada pelo Emérito Cirurgião, decide o graduado portuga chamar a polícia, naqueles tempos representada pela viatura da radiopatrulha, que chegou rápido. Um policial ameaçou o médico com prisão por baderna e incitação à desordem pública. Reconhecendo, porém, que o líder transgressor "tinha ares de importante", acovardou-se e, prudentemente, optou por tentar dissuadi-lo argumentando.

Aí se iniciaram vaias e assobios, ocasionando verdadeiro tumulto que nosso Professor relatava, certamente exagerando o ocorrido e seus detalhes. Os alunos, inicialmente atentos, já davam mostras de impaciência querendo saber como acabara a encenação. Um deles, mais afoito, interrompe malcriadamente a narrativa e indaga: "Afinal, Professor, o senhor conseguiu que o bonde fosse para os Jardins?"

Contrafeito e cabisbaixo, Ari resmungou: "Não. Foi para a Bela Vista".

Adriano Bonanomi
é médico oftalmologista

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira